

Gestão das (*próprias*) carreiras: o governo do humano como capital

Managing (*our own*) careers: the government of the human as capital

Maurício dos Santos Ferreira¹
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
msferreira@unisinos.br

Clarice Salete Traversini²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
clarice.traversini@ufrgs.br

Resumo: O objetivo é problematizar os discursos que circularam no jornal *Zero Hora* entre 2008-2019 em torno da noção de gestão de carreira. Para tanto, retomamos nossa pesquisa concluída há dez anos e buscamos atualizá-la por meio da análise do material empírico recente. A análise foucaultiana de discurso serviu-nos de ferramenta teórico-metodológica. Dialogamos, também, com Lazzarato e Sennett acerca do mundo do trabalho. Destacamos algumas recorrências: a) a “racionalidade interna” do sujeito torna-se o ponto de partida para o planejamento da carreira, pois as aptidões figuram como capital; b) o *network* torna-se um investimento, um empreendimento, a ser requerido pelas atividades laborais. Em síntese, a “relação educação-trabalho” está menos focada na conquista de um “emprego para toda a vida” e mais orientada à constituição de um trabalhador flexível, competitivo e vulnerável.

Palavras-chave: Análise de discurso; carreiras profissionais; capital humano.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenador do curso de Licenciatura em Pedagogia e professor no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS.

Abstract: This paper aims to problematize discourses about the notion of career management published on the newspaper *Zero Hora* from 2008 to 2019. In order to do that, we have resumed our research concluded 10 years ago, and attempted to update it by analyzing recent material. We have used Foucauldian discourse analysis as a theoretical-methodological tool, along with with Lazzarato and Sennett’s conceptions of working world. We can highlight some recurrent issues: a) the subject’s “inner rationality” has become the starting point for the career management, since aptitudes are regarded as capital; b) networking has become an investment, a kind of entrepreneurship to be required for work activities. In summary, the “work-education relation” is less focused on finding a “job for life”, and is more oriented towards a flexible, competitive, vulnerable worker.

Keywords: Discourse analysis; professional careers; human capital.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo problematizar os discursos que circularam no jornal *Zero Hora* no período de 2008-2019 em torno da noção de gestão de carreira. Busca, colocar sob suspeita as formas contemporâneas pelos quais os sujeitos são orientados a desenhar suas biografias profissionais, transformando suas próprias vidas em fontes de rendimentos negociadas nas relações de trabalho. Para isso, utilizamos a noção de carreiras, que vêm apresentando deslocamentos nas últimas três décadas no Brasil. Se até a década de 1990 os trabalhadores buscavam uma empresa para ali construir um “emprego para toda a vida”, na contemporaneidade, os esforços concentram-se em ampliar cada vez mais os tempos e espaços de suas vidas para preenchê-las com as carreiras. A instituição empregadora parece não oferecer mais do que experiências que possibilitem aos sujeitos manterem-se competitivos no mercado.

Sennett (2005, p. 9), na introdução de seu livro *A Cultura do Novo Capitalismo*, retoma a origem inglesa do termo “carreira” – que significava estrada para carruagens – para afirmar que o “[...] capitalismo flexível bloqueou a estrada reta da carreira, desviando de repente os empregados de um tipo de trabalho para outro.” Apesar de ser uma “questão terminológica”, essas inferências alertam-nos para as tensões atuais do mundo do trabalho. Entretanto, decidimos manter o termo “carreiras” para denominar essas “viagens incertas” que os sujeitos realizam. Outro aspecto a observar é o próprio deslocamento da noção de profissão para a noção de carreira. Enquanto a primeira está na ordem do coletivo, de um corpo de saberes e fazes compartilhados, de crenças, princípios e leis que regem e reúnem um grupo de especialistas, a segunda é da ordem do individual, dos esforços e resultados pessoais, das negociações e articulações particulares.

Assim como carreira, o termo *gestão* assume relevância para o trabalhador contemporâneo. De forma mais ampla, podemos dizer que a palavra “[...] gestão refere-se ao processo ativo de determinação e orientação do caminho a ser seguido por uma empresa para a realização de seus objetivos” (GARAY, 2006, p. 145). Já de forma específica, conforme veremos, o discurso neoliberal toma os sujeitos como organizações que devem gerir seus custos e investimentos, o que justifica falar em “gestão das carreiras”. Nesse sentido, da introdução no mundo do trabalho à aposentadoria,

passando pelo lazer e vários empregos, a vida do trabalhador é governada a partir do mercado enquanto grade de inteligibilidade.

Atravessados por tais problematizações, apresentamos, aqui, um movimento analítico que retoma a pesquisa de mestrado intitulada *Curriculum Vitae: selecionam-se jovens que buscam, nas páginas do jornal, oportunidades de trabalho e que possuam...* (FERREIRA, 2009), elaborada por um de nós, e busca atualizá-la por meio dos rastros discursivos deixados pelo material empírico na última década. Trata-se das reportagens publicadas no jornal *Zero Hora* que se ocupam da carreira profissional, contendo conceitos, dicas, oportunidades e testes de habilidades. A escolha desse artefato deu-se em razão de sua ampla circulação no Estado do Rio Grande do Sul. Ao pretender informar (ensinar) a respeito de como se tornar um trabalhador reconhecido de alguma forma no novo capitalismo, essa mídia possibilita a produção de subjetividades flexíveis e competitivas no mundo do trabalho. Em 2017, o Grupo RBS, mantenedora do referido jornal, criou o portal de notícias GaúchaZH, reunindo na internet o conteúdo jornalístico tanto da Rádio Gaúcha quanto da *Zero Hora*. Para a retomada do estudo, buscamos as matérias disponíveis nesse site nos anos 2018 e 2019³.

Importante destacar que a pesquisa realizada para a dissertação mencionada ocupou-se das edições do caderno dominical *Empregos & Oportunidades* publicadas ao longo de 2008. Hoje, esse suplemento não existe mais. Porém, as reportagens que tratam do mesmo objeto encontram-se disseminadas por várias outras seções do jornal impresso e digital⁴. Essa descentralização longe está da ideia de enfraquecimento do tema. Pelo contrário. Sugere uma disseminação da importância dada às vidas profissionais, que passam a se imiscuir com outras dimensões da vida mais ampla. Essa estratégia torna o discurso ainda mais insidioso. Não queremos negar que o tema carreira já aparecia em outros cadernos. O que pretendemos com essa observação é destacar a possível produtividade da estratégia adotada pelo jornal ao encerrar a seção analisada há dez anos e remodelar sua abordagem.

Construída a problemática e apresentado o material empírico, importante registrar que localizamos esta pesquisa no campo reconhecido como estudos foucaultianos em Educação. Das inúmeras possibilidades analíticas que Michel Foucault nos proporciona, operamos com o conceito de discurso (FOUCAULT, 2007a, p. 55), compreendido como,

[...] Práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. E esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

A partir dessa teorização, criamos um percurso metodológico que nos permitiu organizar os dados empíricos de forma a produzir outros sentidos à “realidade competitiva” da qual emerge o tipo de trabalhador requerido pelo mercado. Os aspectos conceituais adotados estão melhor detalhados no

³ Uma vez reunidas as matérias jornalísticas do Grupo RBS, parece-nos desnecessário distinguir os veículos midiáticos para cada excerto apresentado, pois destinam-se aos mesmos públicos. Outro argumento que lançamos a esse respeito, é que as reportagens não trazem, geralmente, tal identificação. Registraremos todas como ZH (Zero Hora) para tornar o texto mais fluido.

⁴ Destacamos: o caderno *Educação e Trabalho*, que apresenta reportagens sobre instituições de ensino, cursos, programas de formação e oportunidades de trabalho; o caderno *Donna*, que aborda assuntos comuns às revistas femininas, tais como moda, beleza e comportamento; o caderno *Comportamento* é mais eclético e trata de viagem, redes sociais, carros e variedades; o caderno *Opinião* apresenta o posicionamento do Grupo RBS e o editorial; por fim o caderno *Economia*, que traz notícias e análises dos mercados e dos movimentos da política econômica. Em todos esses é possível encontrar reportagens que tratam da carreira profissional.

artigo intitulado *A análise foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa* (FERREIRA; TRAVERSINI, 2013). Entretanto, consideramos oportuno registrar, aqui, que lançamos os excertos que “recortávamos” em uma planilha e classificá-los pelos *procedimentos de limitação interna e rarefação dos discursos* (FOUCAULT, 2007b). Ao fazê-lo, outros temas surgiram que não necessariamente aqueles anunciados nas manchetes das reportagens. Não nos referíamos à intenção dos autores dos textos, nem a sentidos ocultos. Mantínhamos, assim, no nível do discurso e em suas conexões com o governmentação da população, apresentando possibilidades de enunciados.

Longe de ser uma palavra, frase ou proposição presente no texto, o enunciado é indispensável para que a frase seja dita; ele não é redutível a ela, mas a organiza e a ultrapassa.

Trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não. [...] Uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2007a, p. 98).

Para que possamos dizer que estamos diante de um enunciado, sua função deve apresentar quatro elementos específicos que o fazem se diferenciar de simples frases regidas pela linguística ou proposições que respondem à determinada lógica: um referente, um sujeito, um campo associado, uma materialidade específica. O *referente* diz respeito ao que ele se refere. O sujeito é aquele que executa a ação e nem por isso é indeterminado. Essa função está vazia e pode ser ocupada por qualquer indivíduo que assuma e “pronuncie” os enunciados já estabelecidos. O campo associado é uma série de outras formulações internas e externas ao discurso e que se reforçam, reatualizam-se, distinguem-se umas das outras e compartilham do mesmo *status*. Assim, “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de séries e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis.” (FOUCAULT 2007a, p. 112). Por fim, a materialidade é entendida como os registros verbais, escritos, icônicos ou sonoros que apontam para uma singularidade, um jeito específico de referir-se ao saber construído. Para Rosa Bueno Fischer (2001, p. 202), “descrever um enunciado, portanto, é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar”.

Aqui, adotamos esses mesmos princípios teórico-metodológicos em relação às reportagens publicadas em 2018 e 2019 e as aproximamos de duas unidades analíticas desenvolvidas na pesquisa original – “O ponto de partida é você” e “Network é fundamental” – a fim de atualizar a análise dos discursos em questão e examinar o “arco conceitual” formado na última década em torno da noção de carreira. Aprendemos com Foucault (2007b, p. 26) que “O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”, o que nos ajuda a compreender como em um determinado período os discursos podem ganhar novas roupagens, constituir novos sujeitos, ampliar sua formação discursiva e mesmo assim manterem-se potentes ao dizer aquilo que anunciavam no início.

Apresentados, minimamente, os movimentos e condições que nos possibilitaram escrever este artigo, há mais um aspecto importante a sublinhar: o seu conteúdo toca a vida de todos nós que vivenciamos as flexíveis relações do trabalho contemporâneo e que buscamos caminhos variados de formação para atendermos às exigências impostas pelo mercado. Inferimos, assim, que ler as páginas do jornal *Zero Hora* é, para muitos, uma via de sobrevivência profissional.

*O ponto de partida é você*⁵: o projeto de carreira na perspectiva do “sujeito-microempresa”

A carreira não é somente algo a ser construído, mas, sobretudo, um projeto planejado e executado em seus detalhes e que leva em conta o desejo individual do próprio sujeito. Desenhar os passos da carreira é apresentado nos fragmentos analisados do jornal *Zero Hora* como uma possibilidade de ascensão profissional rápida, em razão do foco claro que o trabalhador demonstra ter em sua vida. Fazer o que se gosta, estar onde se sente bem, estabelecer relações e contatos, divertir-se nos momentos de lazer constituem itens importantes a serem definidos no planejamento. Rompem-se, dessa forma, os limites entre as vidas profissional e pessoal. Não é simplesmente a questão de ocupar-se com o público e o privado, é não estabelecer separação entre eles.

Contudo, o planejamento de carreira é marcado por uma postura ativa do trabalhador que não espera uma orientação da empresa, ou melhor, das empresas pelas quais passará, como observamos no excerto a seguir: “Planeje a sua carreira: não deixe a empresa atrapalhar a sua vida. É você que deve fazer a gestão da sua carreira [diz Max Geringer]” (ZH, 13/07/2008, p. 1)⁶.

Parece importante perguntar sobre esse sujeito trabalhador que faz suas escolhas e é responsável por seu projeto de carreira, diferenciando-se, dessa forma, daqueles que buscam uma única grande empresa para ali “fazer carreira” como se essa fosse responsável por prepará-los. Como pensar em um profissional reconhecido pelo mercado de trabalho e que seja independente das organizações que o empregue? A Teoria do Capital Humano⁷ e suas condições de possibilidade ajudam-nos a entender esse discurso presente nos fragmentos analisados. Muito mais que um desenvolvimento do pensamento econômico, essa teoria nos remete a um discurso – que lhe é anterior e por ela ressignificado – sobre as novas bases do capitalismo. Como adverte Lazzarato (2003, p. 79), “as conseqüências da definição do capital como ‘capital humano’ são ricas de desenvolvimentos possíveis para definir uma nova teoria da acumulação e da exploração.”

Assim como o neoliberalismo⁸ norte-americano desenvolveu-se na Escola de Chicago, a Teoria do Capital Humano também é fruto das críticas desses teóricos sobre as políticas keynesianas, os pactos sociais de guerra e o crescimento da administração Federal. O interessante é perceber que essa teoria surge como método de análise e um tipo de programação. Em outras palavras, refere-se a dois processos: “um que poderíamos chamar de avanço das análises econômicas em um domínio até então inexplorado” e o outro, que tendo em vista esse avanço, possibilita “reinterpretar em termos econômicos, e nada mais que econômicos, todo um domínio que, até agora, podia se considerar, e de fato se considerava, como não-econômico”. (FOUCAULT, 2007c, p. 254).

⁵ (Jornal *Zero Hora*, 06/04/2008, p. 2). Como sínteses dos argumentos que desenvolvemos, trazemos nos títulos das seções as manchetes ou fragmentos das reportagens do Caderno Empregos & Oportunidades, grifadas em itálico e letras maiúsculas.

⁶ As transcrições dos excertos analisados foram feitas sem levar em conta o Novo Acordo Ortográfico por se tratar de recortes feitos de artigos de 2008.

⁷ Como veremos, essa noção é fulcral para compreendermos os movimentos neoliberais de ressignificação do trabalho e do trabalhador, bem como o avanço econômico sobre a educação escolar e a formação dos sujeitos.

⁸ Do ponto de vista econômico, o neoliberalismo é uma “Doutrina político-econômica que representa uma tentativa de adaptar os princípios do liberalismo econômico às condições do capitalismo moderno” (SANDRONI, 1998, p. 240). Porém, enquanto discurso o neoliberalismo produz significados não somente econômicos, mas sociais e culturais. Enreda-se, assim, às discursividades locais na produção de identidades e subjetividades. Com Foucault (2006; 2007c) aprendemos, ainda, que o neoliberalismo tornou-se, ao fim e ao cabo, um modo de gestão da vida contemporânea.

Por mais estranho que pareça, esse avanço, ao qual o filósofo se refere, sobre algo ainda “inexplorado” pela teoria econômica nada mais é do que o *trabalho*. Argumenta o autor que os neoliberais norte-americanos dizem que a economia clássica sempre indicou a terra, o capital e o trabalho como fatores imprescindíveis para a geração de renda. Entretanto, esse último fator manteve-se inexplorado (FOUCAULT, 2007c). Assim, para Adam Smith⁹ o trabalho sempre fez parte das suas reflexões, mais precisamente a divisão das tarefas e suas especificações. Com isso não se deteve a analisar o trabalho em si, e, sim, reduzi-lo ao fator tempo. Não obstante, David Ricardo¹⁰ toma o trabalho de forma quantitativa de tempo ao pensar que o crescimento ocorreria à medida que se pudesse ter mais horas de trabalho disponíveis ao capital. Já em Keynes¹¹, o trabalho é um fator de produção passivo que somente tem utilização, atividade e atualidade a partir de uma taxa elevada de investimento em capital físico.

Em relação a Marx, Foucault (2007c) comenta que os neoliberais nunca discutem com a sua teoria, mas mesmo assim o filósofo arrisca um “diálogo” entre eles. Apesar de colocar o trabalho como essência de sua análise, Marx argumenta que o trabalhador não vende o seu trabalho e sim sua força de trabalho por determinado tempo. E “o faz em troca de um salário estabelecido sobre a base de determinada situação de mercado que corresponde ao equilíbrio entre a oferta e a demanda de força de trabalho”. Foucault segue mostrando que, para Marx, “o trabalho feito pelo operário é um trabalho que cria um valor, uma parte da qual lhe é arrebatada.” (FOUCAULT, 2007c, p. 258).

O que estaria em jogo seria a própria lógica do capital. O trabalho estaria, portanto, amputado de sua “realidade humana” ao ser reduzido a sua força e tempo, ou seja, seria abstrato. No pensamento marxista, a razão dessa “abstração do trabalho” é do próprio capital. Já para os neoliberais, essa abstração não está na mecânica dos processos econômicos e sim nas análises da economia clássica, que vê o trabalho apenas pela variável temporal, deixando em “branco” sua especificidade concreta e qualitativa.

A partir dessa crítica à economia clássica, a intenção dos neoliberais é reintroduzir o trabalho nas análises econômicas. Em busca de respostas, muitos economistas da Escola de Chicago moveram-se nessa direção. O primeiro, segundo Foucault (2007c), foi Theodor Schultz ao lançar um livro, em 1971, intitulado *Investimento em Capital Humano*. Quase no mesmo ano, Gary Becker também lança seu livro com o mesmo título. E em 1975, Jacob Mincer publica um livro no qual analisa a escola e o

⁹ “Economista escocês (1723-1790), um dos mais eminentes teóricos da economia clássica. [...] Para ele o valor de troca não se fundamenta na utilidade de uma mercadoria e sim no trabalho (ou seja, o tempo necessário para sua produção). Smith apontou ainda a origem do excedente no trabalho e também o modo como ele é apropriado pelos detentores dos meios de produção, lançando as bases de uma teoria sobre exploração do trabalho. Smith analisou ainda os efeitos da divisão do trabalho sobre a produtividade, demonstrando (contrariamente ao ponto de vista mercantilista) que na medida em que o comércio aumenta a divisão do trabalho todos se beneficiam do conseqüente aumento da produtividade.” (SANDRONI, 1998, p. 329)

¹⁰ “Economista inglês (1772-1823), considerado o mais legítimo sucessor de Adam Smith; suas ideias dominaram a economia clássica por mais de meio século [...] Nos Princípios de Economia Política e Tributação, Ricardo deu uma enorme contribuição à teoria do valor e da distribuição. Em sua análise dos problemas econômicos, construiu um modelo teórico fundamentado numa economia, predominantemente, agrícola, procurando determinar as leis que regulam a distribuição do produto entre as diferentes classes da sociedade e localizando no trabalho o valor de troca das mercadorias.” (SANDRONI, 1998, p. 308).

¹¹ John Maynard Keynes (1883-1946) desenvolveu estudos sobre o emprego e o ciclo econômico (SANDRONI, 1994, p. 207). Sua teoria mostrou, na época, a inexistência de um equilíbrio natural do mercado, tal como pensavam os liberais. Keynes viu que a economia podia encontrar seu equilíbrio mesmo sobre uma alta taxa de desemprego e permanecer nessa condição caso o Estado não interferisse, regulando o mercado por meio uma política de investimento que gerasse empregos.

salário. Em um artigo anterior, Mincer escreve pela primeira vez o termo capital humano, importante também aqui definir o termo, uma vez que leitores e leitoras podem não estar apropriados de todos os conceitos.

Esse pensamento marca um redirecionamento do objeto da economia. Desde Smith, até o século XX, o alvo eram os mecanismos de produção, os mecanismos de troca e as práticas de consumo e suas interferências em um contexto social. A partir da Escola de Chicago, o objeto de análise econômica passa a ser a natureza humana, bem como as consequências da assimilação de recursos escassos para fins alternativos. O que está em jogo é o comportamento humano em relação aos meios e fins escassos. Não se trata de analisar processos e sim uma atividade. O trabalho passa a ser uma conduta econômica e como tal interessa aos economistas saber “[...] como o trabalhador utiliza os recursos de que dispõe.” (FOUCAULT, 2007c, p. 261). Essa grade de inteligibilidade exige dos teóricos que se posicionem na perspectiva de quem trabalha, tentando compreender o que significa trabalhar para o trabalhador, como o mesmo faz suas escolhas e que racionalidade o norteia.

Os neoliberais apresentam o trabalhador não como um sujeito passivo ou como aquele que, simplesmente, vende sua força de trabalho, e sim como um sujeito economicamente ativo. Como tal, o indivíduo trabalha em troca de um salário que não é o preço da venda de sua força e sim um “ingresso”. Em termos econômicos, “um ingresso é exatamente o produto ou rendimento de um capital.” (FOUCAULT, 2007c, p. 262), e capital é tudo aquilo que pode ser fonte de ingressos futuros. Diríamos que a sugestão de Geringer para que cada um pense por si só em sua carreira sem depender da empresa está alinhada a essa perspectiva. Dez anos depois, o jornal analisado publica uma reportagem com dicas de como ser promovido no trabalho, retomando o mesmo sentido apresentado em 2008: “Não espere que a empresa lhe peça para realizar um curso de aperfeiçoamento, lembre-se que a qualificação é para a sua carreira. Se achar conveniente, peça auxílio financeiro para realizar algum curso, já que pode ajudar a melhorar seu desempenho dentro da empresa” (ZH, 08/10/2018, s/p).

Em uma espécie de comentário – procedimento interno do discurso no qual permite que o dito seja atualizado indefinidamente (FOUCAULT, 2007b) –, é possível perceber que o “não deixe a empresa atrapalhar” reaparece. Não mais no contexto de quem ingressará no mundo do trabalho, mas reeditado sob outra forma, anunciado por indivíduo e direcionado para quem busca uma promoção. Vemos, assim, desenhar-se a noção de capital humano, ou seja, o sujeito como sua própria fonte de rendimentos. A instituição empregadora aparece como suporte que pode atrapalhar ou auxiliar o planejamento desse capital que se apresenta como:

[...] O conjunto dos fatores físicos, psicológicos, que outorgam a alguém a capacidade de ganhar tal ou qual salário [...]. Decomposto desde a perspectiva do trabalhador em termos econômicos, o trabalho comporta um capital, quer dizer, uma aptidão, uma idoneidade; como preferem dizer, é uma “máquina”. E por outro lado é um ingresso, vale dizer, um salário, ou melhor, um conjunto de salários; [...] um fluxo de salários. (FOUCAULT, 2007c, p. 262-263).

Essa análise econômica tira o trabalho da posição de mais um fator produtivo e o coloca como fonte do próprio capital. Muitos são os efeitos desse pensamento, mas o que nos interessa, nesse instante, é destacarmos que por se tratar de um capital que é indissociável de quem o possui – a idoneidade não existe sem o ser idôneo – ele diferencia-se dos demais capitais, pois, ao colocá-lo em jogo, não se desfaz, não se transfere. A idoneidade serve como máquina de fluxos de ingressos. Dessa

forma, o *Homo æconomicus* clássico - o sócio do intercâmbio, da troca – é suplantado por um *Homo æconomicus* neoliberal - “[...] um empresário, um empresário de si mesmo.” (FOUCAULT, 2007c, p. 264). Trata-se, portanto, de encontrar meios de investir sobre si mesmo, valorizando cada vez mais suas capacidades, aumentando os seus capitais independentemente de quem o contrate.

Referindo-se a esse sujeito neoliberal, Sylvio de Souza Gadelha Costa (2009), chama-o de “indivíduo-microempresa”. Nesse sentido, e somente nesse sentido, a separação capital e trabalho desaparecem, pois não se pode falar do dono da empresa como sendo o capitalista e o trabalhador como quem vende sua força de trabalho àquele que detém os meios de produção. Se ambos possuem os meios de produção, ou seja, o capital, eles concorrem ou associam-se. Costa (2009, p. 181) arremata essa questão anunciando-nos que os trabalhadores “[...] são avaliados de acordo com os investimentos que são permanentemente induzidos a fazer para valorizarem-se como ‘microempresas’ num mercado cada vez mais competitivo.”

Nessa realidade do mercado, investir em um projeto de carreira aparece como um dos pontos principais para manter a competitividade e obter sucesso. O ponto de partida não estaria mais no exterior - no trabalho abstrato como resultado do tempo dedicado à empresa – e sim na “racionalidade interna” do sujeito, uma vez que no novo capitalismo são as próprias aptidões do trabalhador que figuram como capital. Entretanto, não basta pensar nos detalhes de sua formação, sequências de passos, o quanto investir em si, sem ter claro o que é exigido pelo mercado. É preciso considerar que “[...] a constituição do capital humano somente tem interesse e resultado pertinente para os economistas na medida em que esse capital constitui-se graças à utilização de recursos escassos, e de recursos escassos cujo uso é alternativo para um determinado fim.” (FOUCAULT, 2007b, p. 267). A esse respeito, selecionamos os excertos a seguir para construir nossa análise:

Estudantes e graduados sempre devem escolher as especializações considerando um plano de carreira de médio e longo prazo, aconselha a professora de Gestão de Pessoas da Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ) Márcia Mendonça. - Os estudantes devem estar direcionados para a carreira e para a área na qual a pessoa atua. Não adianta fazer cursos aleatoriamente. (ZH, 24/02/2008, p. 1).

[Perguntas e dicas de resposta para entrevista de emprego]

1 – Cite três características suas que você destaca.

Dica: comente as qualidades que você acha que agreguem na sua atuação profissional, como características que envolvam relacionamento, comprometimento e desempenho (ZH, 28/06/2018, s/p).

Poucos efeitos teria, por exemplo, o domínio do pacote *Office*. Certamente, as ferramentas que o compõe são consideradas básicas na atual inflexão tecnológica em que vivemos. Detendo-se mais na análise das mídias digitais, Paula Sibilia (2008, p. 27) destaca que “[...] é impossível desdenhar a relevância dos laços incestuosos que amarram essas novas tecnologias ao mercado, instituição onipresente na contemporaneidade, e muito especialmente na comunicação mediada por computadores”. Desde a formação acadêmica até o processo seletivo o sujeito deve acompanhar o mercado para ver o que é importante, requerido, mas raro de encontrar em termos de capital humano. Não há espaço, e talvez tempo, para desvios que não gerem renda. Isso é reforçado quando a primeira dica para a entrevista de emprego é trazer somente as características que se alinham com os padrões esperados de relacionamento, comprometimento e desempenho. Portanto, escassez e valorização, em conjunto, servem de “bússola” para traçar a carreira.

Essa “bússola”, entretanto, não representa, exatamente, uma novidade introduzida pela Escola de Chicago. Mesmo nas análises clássicas, os bons trabalhadores eram aqueles que atendiam o que o mercado necessitava nesses mesmos termos – valorização e escassez. O que está em jogo na lógica do capital humano é que outros conhecimentos e habilidades são requeridos, bem como, a forma pela qual são adquiridos e negociados. Essas mudanças fazem parte da regra na medida em que tudo que é humano é ressignificado pela dinâmica da competição. Todas as ações, sonhos, aspirações e sentimentos dos sujeitos voltam-se para o mercado. Costa (2009, p. 174) é mais radical ao afirmar que “além do mercado funcionar como chave de decifração (*princípio de inteligibilidade*) do que sucede à sociedade e ao comportamento dos indivíduos, ele mesmo generaliza-se em meio a ambos”. Acrescenta, ainda, que tal processo acaba por se constituir,

como (se fosse a) substância ontológica do ser social, a forma (e a lógica) mesma desde a qual, com a qual e na qual deveriam funcionar, desenvolver-se e se transformar as relações e os fenômenos sociais, assim como os comportamentos de cada grupo e de cada indivíduo (COSTA, 2009, p. 174. Grifos do autor).

Nitidamente, a estratégia requerida ao trabalhador assemelha-se àquela empregada pela empresa na busca de fatias de mercado. Ser empresário de si é lançar uma visão de negócio sobre sua vida e assumir-se como o único responsável pelo seu sucesso. O que temos mostrado é que a ação de planejar a carreira e ter sobre ela uma gestão está afinada com o trabalhador que vê a si e aos outros como *capital humano*.

Ligado a esse objetivo individual, outro fator emerge, a partir das análises do jornal. Intrinsecamente ligadas ao que Foucault chamou de “racionalidade interna”, as decisões de fazer o que se gosta, estar onde se quer e de se divertir dão contornos às razões que devem guiar o sujeito no seu projeto de carreira:

As pessoas que conseguem colocar em prática seus sonhos costumam ser mais realizadas - afirma Andréa [diretora da Prax Gestão de Carreiras. (ZH, 06/04/2008, p. 2).

[Dicas para mudar de carreira]

1- Entenda por que quer mudar

O primeiro passo é o autoconhecimento. Busque entender os porquês dessa vontade. Analise o que despertou o interesse pela nova área e relacione as suas características, ou seja, o seu perfil com o perfil de quem atua no ramo que você deseja. Buscar apoio é fundamental, por isso, compartilhe com sua família o desejo de mudar. (ZH, 29/04/2018, s/p).

Paixão, prazer, desejos pessoais (sonhos), ênfase no interesse pessoal, emergem no discurso à medida que há um deslocamento nas formas de governamento da vida da população. Interessante olharmos para essa questão a partir do prisma do neoliberalismo. Schultz acreditava que o salário seria a primeira resposta para a motivação interna, tomando como princípio a possibilidade de ter renda para consumir e produzir, assim, a satisfação. Em outras palavras, o sujeito “[...] produz simplesmente a sua própria satisfação.” (FOUCAULT, 2007c, p. 265). Sendo o trabalhador portador de um capital inseparável de si, deve investir no que lhe manterá rentável, garantindo os fluxos de salário para produzir mais satisfação.

A satisfação tornou-se fulcral nas decisões dos trabalhadores sobre onde e como investir em seu “capital-idoneidade”. Não se trata de simplesmente trabalhar para mais adiante, já em posse do salário,

obter a satisfação. Essa deve estar presente, fazer parte do jogo, ditar as regras. Os sujeitos indagam-se, constantemente, sobre o que lhes dá prazer. A resposta é esperada pelos empregadores e *experts* de gestão de pessoas para identificar, ali, fonte de resultados e ganhos. Estabelece-se, portanto, uma relação de interesse mútuo no sentido em que o salário proporciona a satisfação. A satisfação, ao ser atendida, remete à busca da permanência ou aumento de fluxos de salários que, por sua vez, somente ocorrerá se houver novos investimentos em capital humano. A equação neoliberal que coloca a satisfação individual nos cálculos capitalistas reifica o prazer, seja ele qual for, pois é analisado, sobretudo, para fins econômicos. Aquilo que poderíamos apontar como práticas da ordem do acontecimento – realização dos sonhos pessoais, busca pelo autoconhecimento e o atendimento da própria satisfação – e que constituiriam subjetividades singulares, não passa de um simulacro em que os mundos são previamente formatados. Lazzarato e Negri (2001, p. 25) concluem essa questão ao afirmarem que “é a alma do operário que deve descer na oficina. É a sua personalidade, a sua subjetividade, que deve ser organizada e comandada”.

Schultz (1973, p. 49) prescreveu algumas notas de orientação às ações políticas de investimento. Dentre essas, o economista estadunidense advertia que “o capital humano deterioriza-se quando está ocioso, porque o desemprego causa avaria às capacidades técnicas que os trabalhadores tenham adquirido”. As observações que destaca sobre as consequências de estar à margem dos processos produtivos, no sentido ampliado de produção, serviram, desde a década de 1960, para orientar os discursos que viam no capital humano um novo sopro de crescimento econômico, um brilho intenso que pudesse guiar a vida em sociedade. Porém, apesar de todo o competente *marketing* das empresas, do Estado e de muitas escolas nessa direção, “o neoliberalismo tem sido incapaz de articular ‘produção’ e ‘produção de subjetividades’” (LAZZARATO, 2014, p. 50) no sentido de modos de vida singulares ou até mesmo divergentes.

Por fim, interessa-nos destacar mais um aspecto dessa volta do sujeito sobre si mesmo que a Teoria do Capital Humano instiga-nos. Algo que parecia pairar nas análises que fizemos a partir do Caderno Empregos & Oportunidades de 2008 e que ao retornar aos rastros discursivos do jornal *Zero Hora* tornou-se eloquente. Trata-se do estado permanente de risco sob o qual o trabalhador contemporâneo constrói alternativas profissionais:

[Dicas para mudar de carreira] 3- Faça um planejamento

Um passo importante durante a transição é se planejar financeiramente, pois, além de ter que investir em qualificação, é comum que ocorra um declínio financeiro até que a nova profissão comece a dar o retorno esperado. Dependendo da área para que você irá migrar, deve, inclusive, se preparar para não ganhar a mesma remuneração que tem atualmente, já que, muitas vezes um profissional que trabalha como efetivo pode passar a ser estagiário para ter experiência no novo ramo. (ZH, 29/04/2018, s/p).

Os dados sobre desemprego não melhoram há alguns anos no Brasil. Infelizmente, seguimos em uma crise persistente, com mais de 13 milhões de pessoas sem trabalho. A imensa maioria dos profissionais não consegue contar com ajuda especializada para se recolocar. Fazem isso sozinhos e lutam contra todas as dificuldades para superar um momento difícil, que mexe com nossos mais profundos medos e angústias. (ZH, 23/05/2019, s/p).

Como o capital é cada vez mais volátil, as condições que o animam tendem a ser precíveis. Ao examinar essa dinâmica, Richard Sennett (2006, p. 13) visualiza a emergência do que chamou de cultura do novo capitalismo, para a qual “só um certo tipo de ser humano é capaz de prosperar em

condições sociais instáveis e fragmentárias”: o sujeito flexível. Acrescenta o sociólogo que para a maioria das pessoas melhor seria manter as vidas profissionais mais estáveis. Em busca de uma carreira que reflita mudanças constantes, potencial para o novo e desprendimento o planejamento de uma nova carreira entra como alternativa necessária de sobrevivência. Os riscos de redução da renda e retornar à condição de estagiário são efeitos colaterais da flexibilidade, que podem ser ou não temporárias.

Porém, o segundo excerto aponta para uma realidade brasileira em que as consequências anunciadas anteriormente como uma “escolha” são muito semelhantes às apresentadas a mais de 13 milhões¹² de cidadãos desempregados. Esses vivenciam condições de incertezas, insegurança e medo. A reportagem em questão apresenta dicas de recolocação no mercado: foco no que se sabe fazer; rede de contato ativa e dinâmica; e curiosidade na busca de novas empresas e estratégias. Poderíamos traduzir essas orientações como a sugestão de um planejamento de carreira que mais uma vez deve ser pensado e executado sozinho e sem a empresa atrapalhar sua vida, tal como sugerido, em 2008, por Max Gehinger. Uma perversa constatação que deixa transparecer os paradoxos do discurso neoliberal.

Certamente, as situações apresentadas nos excertos acima são distintas. Mas, o que queremos argumentar é que o sujeito tomado como seu próprio ponto de partida é uma constante, bem como as condições e as pesadas exigências que recaem sobre os trabalhadores. Como sinalizou Lazzarato (2014, p. 15),

Para a maioria da população, tornar-se um sujeito econômico (“capital humano”, “empresário de si mesmo”) não significa senão ser compelido a gerenciar salários e rendas declinantes, precariedade, desemprego e pobreza, do mesmo modo que alguém cuidaria do balanço de uma empresa.

O autor vai considerar que estamos diante de um fracasso do capital humano, que prometia aos sujeitos um trabalho sobre si mesmo que resultaria em trabalho emancipado, prazeroso, reconhecimento, experimentação de novas formas de vida e ascensão social. Vemos agravar-se o distanciamento entre as promessas neoliberais de Schultz (1973) e as realidades do mundo do trabalho. Mesmo diante desse abismo, o jornal analisado segue como dispositivo midiático desse discurso. Vejamos o próximo enunciado que aprofunda a função das redes de contato nessa lógica.

NETWORK É FUNDAMENTAL¹³: as relações sociais no jogo do mercado de trabalho

Outra discussão que trazemos está relacionada à rede de relacionamentos. Anunciada, brevemente, no item anterior como uma dica para o sujeito recolocar-se no mercado de trabalho. Preocupar-se em desenvolvê-la deve fazer parte dos objetivos a serem traçados no planejamento de carreira, pois sem um extenso *network* muitos projetos podem não se efetivar:

No início da carreira, participar de uma tarefa do tipo [voluntariado] pode ser o começo da formação de uma rede de contatos. Será por meio de conversas que você identificará uma oportunidade potencial de trabalho. (ZH, 20/04/2008, p. 3).

¹² Segundo dados do IBGE do primeiro trimestre de 2020, o Brasil contabilizou mais de 12,9 milhões de desempregados. No mesmo período, foram computados 36,8 milhões de trabalhadores informais (IBGE, 2020a; 2020b).

¹³ (ZH, 15/06/2008, p. 1). O trecho em itálico foi retirado do material empírico do jornal analisado.

O primeiro erro do profissional jovem: abandonar os professores da escola. Os professores são pessoas bem-relacionadas que podem servir de primeiros contatos com o mercado de trabalho. Sempre é bom manter contato com eles [diz Max Gehinger]. (ZH, 13/07/2008, p. 1).

Antes de mais nada, lembre-se que você já tem network. A rede de contatos começa com as pessoas que você conheceu ao longo de suas vivências, como colegas de escola e de faculdade, professores, amigos e colegas de trabalhos anteriores. Informe para essas pessoas que você está em busca de inserção ou de recolocação no mercado. (ZH, 20/11/2018, s/p).

Ouvimos falar que o mais importante em um processo seletivo é o QI, Quociente Intelectual, pejorativamente denominado “quem indica”. Isso demonstra que não é algo novo pensar nos contatos sociais como possíveis portas abertas para o mercado de trabalho. Conhecer determinadas pessoas, tal como observado no excerto de 2018, sempre foi incentivado para que conseguíssemos um emprego em uma grande empresa. Geralmente, esses contatos eram com amigos, familiares ou do próprio ambiente profissional. Entretanto, nos demais excertos, observamos uma mudança de como as relações sociais são pensadas no novo capitalismo. Não só os meios, que hoje efetivam-se sobretudo pelo Facebook, Instagram e LinkedIn, como as intencionalidades dessas redes apontam para uma abordagem distinta daquelas que eram ensinadas até a década de 1990. Nesse processo de ressignificação capitalista, o voluntariado não se realiza somente pela preocupação com as questões sociais ou interesse pelo bem-estar e felicidade do outro. Entra em jogo a possibilidade de contatar, conforme aponta um dos excertos, pessoas que abrirão portas de trabalho remunerado. Não estamos julgando se esse princípio é certo ou errado. Limitamo-nos a analisar o que está presente nas falas e dicas registradas pelo jornal.

Conhecer alguém que poderia indicar o sujeito a uma vaga era, noutra perspectiva, a consequência de uma relação construída – pelo indivíduo ou por conhecidos e familiares – com base na dedicação, respeito e consideração pelo outro. Aqui, o que parece mover o trabalhador a relacionar-se com os outros são as vantagens profissionais advindas desses contatos. Seria essa uma visão utilitarista? Talvez, entretanto faz sentido se partirmos da compreensão de que o sujeito do neoliberalismo é um empresário de si que vê a ele próprio - e aos outros - como tal. A rede de relacionamentos – *network* – de um sujeito deixa de ser apenas um meio para conseguir um emprego para tornar-se uma habilidade requerida no desenvolvimento de atividades. Isso se evidencia quando a rede de contatos é colocada como fundamental na realização de mudanças. Assim, “Trocar informações, oxigenar as estratégias, ajudar e ser ajudado. Esse é o espírito do networking. Uma rede de contatos potente é um elemento chave para gerar oportunidades de trabalho” (ZH, 23/05/2019, s/p).

Ao analisarmos essa situação como prática discursiva, somos levados a compreendê-la como estratégia do discurso do novo capitalismo. Para Lazzarato (2003), o capitalismo, nos últimos tempos, tem renovado a submissão formal¹⁴, uma vez que a matéria-prima e a produção do seu produto imaterial são gestadas fora dos muros da fábrica. “O trabalho imaterial produz acima de tudo uma relação social (uma relação de inovação, de produção, de consumo) e somente na presença desta

¹⁴ Para o autor, Marx definiu duas modalidades distintas de apropriação capitalista. A primeira é a “submissão formal” que se caracteriza por meio da apropriação do capital dos processos produtivos existentes na sociedade, sem alterar seus conteúdos e métodos de produção. Já, com a “submissão real”, segunda modalidade, o capital intervém nas tecnologias e métodos produtivos, ou seja, “[...] ele dita o tempo e as modalidades da produção através do sistema de máquinas.” (LAZZARATO, 2003, p. 64).

reprodução a sua atividade tem um valor econômico”, menciona. E continua: “esta atividade mostra imediatamente aquilo que a produção material “escondia” – vale dizer que o trabalho não produz somente mercadorias, mas acima de tudo a relação de capital” (LAZZARATO, 2003, p. 46).

Podemos inferir, a partir do argumento exposto pelo autor, que as relações sociais sempre estiveram presentes e assumindo certa importância nos processos de submissão real do capitalismo – sobretudo no fordismo. Porém, na atualidade, ocorre uma troca de ênfase que lhes dá visibilidade e valor. Ao considerar as relações sociais como produto final, a sua matéria-prima, conclui o autor, é a subjetividade e o seu ambiente. Nessa racionalidade, não se pensaria mais na subjetividade enquanto instrumento de controle social – sequer um modo singular de vida – e sim como fonte produtiva.

Ao recorrer ao caso da *Microsoft*, Lazzarato (2006), inspirado nas teorizações de Gabriel Tarde (interessante situar brevemente o autor, mesmo em nota breve de rodapé), exemplifica como as empresas fazem para apropriarem-se dessas relações que as independem, que circulam e funcionam para além da gestão empresarial. Segundo a perspectiva da economia política e do marxismo, a *Microsoft* contrataria, diz o autor, engenheiros de informática que venderiam sua força de trabalho (conhecimento e tempo) para desenvolver *softwares*, oferecidos no mercado, aos clientes. Haveria uma exploração do trabalhador. Entretanto, o que a girante do mundo digital faz é prescindir do contato direto com o mercado ou com o trabalhador para estabelecer, por meio deste último, relações com a “livre cooperação entre cérebros”¹⁵ e é isso que é capturado pela empresa pós-fordista¹⁶.

Ao seguir esse raciocínio, a cooperação entre cérebros ocorreria na relação estabelecida entre os indivíduos – ou mônadas na linguagem tardiana – permitindo existir e diferenciarem-se entre si. Dessa cooperação, e somente nela, a força criativa pode emergir. Uma operação de “co-criação” e de “co-realização” se firma nesse processo, resultando, no caso analisado, na produção de *softwares* livres, independentemente da empresa ou do capitalismo. Essa cooperação entre cérebros para existir necessita, sim, “[...] do desenvolvimento e da difusão da ciência, dos dispositivos tecnológicos e das redes de comunicação, dos sistemas educacionais, de saúde, e de todos os outros serviços que dizem respeito à ‘população.’” (LAZZARATO, 2006, p. 120). A criação de programas e dispositivos digitais envolve uma série de saberes, afetos, desenvolvedores, usuários, que circulam em uma rede e que se confundem na criação e na difusão desses artefatos. Percebemos nesse ponto uma relação muito íntima com o apagamento da fronteira traçada pela economia clássica entre produtor e consumidor; capital e trabalho; projetistas e operários.

O que a *Microsoft* faz, portanto, é constituir uma clientela fiel (monopólio). Os seus empregados agem no sentido de tornar a multiplicidade cooperativa em multiplicidade de clientes, desativando a cocriação e correalização dos indivíduos (mônadas). Essa apropriação do social dá-se pela lei da propriedade intelectual, bloqueando, assim, o acesso ao código fonte dos programas. Dessa forma, por meio desse “fluxo produtivo”, um mundo de soluções é oferecido aos usuários. Em outras palavras, o

¹⁵ Essa metáfora é utilizada por Tarde para descrever como ocorrem as interações entre os indivíduos (LAZZARATO, 2006).

¹⁶ Importante destacar que o fordismo refere-se ao conjunto de métodos de racionalização da produção criados por Henry Ford (1863-1947) no qual uma empresa deveria se especializar ao ponto de dominar as fontes de sua própria matéria prima, produzindo apenas um produto. Nessa lógica, o trabalho torna-se, também, altamente especializado, ou seja, “cada operário realizando determinada tarefa” (SANDRONI, 1998, p. 144). Já o pós-fordismo, caracteriza-se pelo rompimento com essa verticalização da produção e avança na inovação constante. Sennett (2005) identifica tal sistema como especialização flexível na qual os produtos são variados, a produção conta com alta tecnologia de informação e os trabalhadores são organizados não mais em linhas de produção dispostos lado a lado com foco apenas em suas tarefas, mas agrupados por “ilhas de produção especializadas” cujo foco é resolver problemas e inovar. Assim, pode-se afirmar que “A especialização flexível é a antítese do sistema de produção incorporado no fordismo” (SENNETT, 2005, p. 59).

que as empresas produzem são mundos (de soluções, de estética, de valores, de crenças) a serem consumidos. Entretanto, para apropriar-se de novas criações, é necessário manter a interface com a cooperação entre cérebros. A empresa não deve apenas criar um mundo para o consumidor, mas também para o trabalhador. Trabalhar em uma empresa contemporânea significa “pertencer, aderir a este mundo, aos seus desejos e às suas crenças.” (LAZZARATO, 2006, p. 111). É nesse ponto que vemos a importância dada aos *networks* digitais e analógicos no planejamento da carreira. Os contatos mantidos pelos profissionais constituem-se em possibilidades criativas, proporcionadas pelas relações sociais necessárias à realização das próprias atividades, sejam essas em termos de conhecimento técnico ou comportamental.

Considerações finais

Ao estabelecer uma analítica que nos permitisse compreender os discursos colocados em circulação pelo jornal *Zero Hora* na última década, desenhamos uma espécie de arco conceitual em torno da noção de gestão de carreira. Percebemos que nesse percurso os enunciados “o ponto de partida é você” e “*network* é fundamental” continuam exercendo suas funções de fazer aparecer conteúdos e verdades sobre o trabalhador transformado em capital humano. Esse recorte panorâmico que operamos colocou diante de nós um verdadeiro manual de comportamento e afetos requeridos pelas relações de trabalho:

Vai concorrer a uma vaga de emprego? Confira dicas para cuidar da sua imagem nas redes sociais; Saiba quais são as 50 perguntas mais frequentes em uma entrevista de emprego; Saiba quais são as 10 atitudes que fazem você ser reprovado em uma entrevista de emprego; Meghan Markle cria coleção de roupas para ajudar mulheres em entrevistas de emprego; Como se sair bem na entrevista de emprego por vídeo; Quer entrar ou se recolocar no mercado de trabalho? Confira cinco dicas para fazer *network*; Confira dicas para se destacar no seu emprego e como pedir uma promoção” (ZH, 2018; 1019).

Manchetes como essas sugerem algo no estilo autoajuda, que prescrevem receitas e exercícios de práticas de si, geralmente rápidos e de fácil aplicação (MARÍN-DÍAZ, 2015). As dicas são, geralmente, ordenadas e numeradas, indicando uma praticidade tanto na leitura quanto na memorização dos passos a ser seguido. A frase interrogativa é uma outra forma de “falar” diretamente com o leitor. “Confira”, eis a chave imperativa para mostrar que é para você, leitor que busca uma recolocação. Uma estratégia não só de redação, mas de perspectiva que se alinha às atuais condições do mundo do trabalho em que a renovação dos quadros funcionais é dinâmica, que os tempos de apropriação, de reflexão, são outros.

Analisar os excertos anunciados nessas reportagens, que mais se assemelham a “pílulas de gestão de carreira”, serve-nos para esboçar o quanto uma postura ativa, independente e, sobretudo, competitiva do trabalhador somente é possível em razão de uma mudança nas perspectivas de governamento da vida. Parece-nos urgente a necessidade de mover esforços e ferramentas conceituais que nos proporcionem percorrer outros trajetos que não sejam somente aqueles que nos levam da fábrica ao trabalho e deste à alienação, tal como pensava Marx. Longe de negar esses aspectos, destacamos o perfil profissional não como local de realização das liberdades e prazeres dos indivíduos, mas como instância em que se efetivam e se atualizam os dispositivos e estratégias de governamento.

Poderíamos afirmar que as carreiras no decorrer do tempo foram das pessoas, mas hoje há uma ênfase na responsabilidade individual de como fazer, quando agir e onde se estabelecer para tornar-se um trabalhador talentoso. A questão é que essa posição do discurso neoliberal é cada vez mais restrita a poucos. Um rastro de sujeitos formados, tecnicamente competentes, vai ficando pelo caminho sem uma perspectiva concreta de seus sonhos e necessidades. Está se constituindo, nas palavras de Sennett (2005), uma corrosão do caráter do trabalhador na qual a “relação educação-trabalho” está menos focada na conquista de um “emprego para toda a vida” e mais orientada à constituição de um trabalhador flexível, competitivo e mais vulnerável.

Referências

- COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha. Governamentalidade Neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 34, nº. 2, p. 171-186, mai/ago. 2009.
- FERREIRA, Maurício dos Santos. **Curriculum Vitae**: selecionam-se jovens que buscam, nas páginas do jornal, oportunidades de trabalho e que possuam... Porto Alegre, Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- FERREIRA, Maurício dos Santos. TRAVERSINI, Clarice Salette. A Análise Foucaultiana do Discurso como Ferramenta Metodológica de Pesquisa. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 38, nº. 1, p. 207-226, jan./mar. 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Seguridad, Territorio, Población**. Curso em el Collège de France: 1977-1978. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007b.
- FOUCAULT, Michel. **Nacimiento de la Biopolítica**. Curso em el Collège de France: 1978-1979. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007c.
- GARAY, Angela. Gestão. In: CATTANI, Antonio David. HOLZMANN, Lorena (Orgs.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2006. p. 145-148.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Desemprego**. 2020a. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>>. Acessado em: 28 maio de 2020.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD contínua trimestral**: desocupação cresce em 12 e fica estável em 15 UFs no 1º trimestre de 2020. 2020b. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27707-pnad-continua-trimestral-desocupacao-cresce-em-12-e-fica-estavel-em-15-ufs-no-1-trimestre-de-2020>>. Acessado em: 28 maio de 2020.
- LAZZARATO, Maurizio. NEGRI, Antonio. **Trabalho Imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LAZZARATO, Maurizio. Trabalho e capital na produção dos conhecimentos: uma leitura através da obra de Gabriel Tarde. In: COCCO, Giuseppe. GALVÃO, Alexandre Patez e SILVA, Geraldo (Orgs.). **Capitalismo Cognitivo**: trabalho, redes e inovação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 61-82.

LAZZARATO, Maurizio. **As Revoluções do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, Máquinas, Subjetividades**. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

MÁRIN-DÍAZ, Dora Lilia. **Autoajuda, Educação e Práticas de Si**: genealogia de uma antropotécnica. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANDRONI, Paulo. **Novo Dicionário de Economia**. 9.ed. São Paulo: Best Seller, 1998.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter**: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 9.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SENNETT, Richard. **A Cultura do Novo Capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Recebido em: 22/06/2020

Aceito em: 12/11/2020